

Funcionamento do imaginário de guerra em *Shingeki no Kyojin*: implicações étnico-raciais

Functioning war imagery in Shingeki no Kyojin: racial-ethnic implications

Francisca Mônica Santos¹

RESUMO

O imaginário de guerra que constitui o imaginário popular pode estar ligado às inúmeras guerras sobre as quais se tem notícia. Pensando nisso, pretendemos analisar o funcionamento do imaginário de guerra que se dá a ler no mangá de *Shingeki no Kyojin* (ISAYAMA, 2017; 2018). De modo específico, o artigo objetiva: a) observar e compreender como a memória discursiva retomada nos recortes pode tornar visível uma memória de guerra sofrida pela nossa sociedade; b) analisar as imagens que os próprios personagens antecipam dos outros agentes envolvidos no contexto de guerra, que nos possibilitará compreender as posições assumidas por eles e os efeitos de sentido a partir delas; c) pensar como as implicações raciais estão tensionadas nas projeções que os personagens fazem em relação a outros. Para tanto, foram analisados os capítulos 87 ao 98, que constituem o nosso corpus tomando como dispositivo teórico-analítico a Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux (2014). Verificamos que o imaginário de guerra observado no mangá nos permite, pelo funcionamento do interdiscurso, compreender que está atravessado por dizeres que dizem antes e em outro lugar significados na e pela história. Portanto, observamos que o imaginário de guerra trabalhado nas sequências discursivas denuncia que tensões raciais servem de motivação para que se deflagre uma guerra.

Palavras-chave: *Mangá. Raça; Formações Imaginárias.*

ABSTRACT

The imaginary of war that constitutes the popular imagination can be linked to the countless wars about which we have news. With that in mind, we intend to analyze the functioning of the imaginary of war that can be read in the manga *Shingeki no Kyojin* (ISAYAMA, 2017; 2018). Specifically: a) observe and understand how the discursive memory taken up in the clippings can make visible a memory of war suffered by our

¹ Mestranda em Linguística na Universidade Federal do Piauí.

society; b) analyze the images that the characters themselves anticipate of the other agents involved in the war context, which will allow us to understand the positions taken by them and the meaning effects from them; c) think about how the racial implications are tensioned in the projections that the characters make about others. To this end, chapters 87 to 98 were analyzed, which constitute our corpus, taking as a theoretical-analytic device the Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux (2014). We verified that the war imaginary observed in the manga allows us, through the functioning of the interdiscourse, to understand that it is crossed by sayings that say before and elsewhere, meanings in and through history. Therefore, we observe that the war imaginary worked in the discursive sequences denounces those racial tensions and serves as motivation for the outbreak of war.

Keywords: *Manga; Race; Imaginary Formations*.

O imaginário de guerra que constitui o imaginário popular pode estar ligado às inúmeras guerras sobre as quais se tem notícia, em que há sempre um lado A e um lado B envolvidos, um lado vencedor e outro perdedor, um lado certo e outro errado. É desse modo que as guerras e os seus efeitos contribuíram para o imaginário que hoje é difundido e projetado sobre elas. Dentre esses efeitos, encontramos algumas das imagens que perpassaram e refletiram – e ainda refletem, de certo modo – no imaginário social, tendo contribuído para o enraizamento histórico de contextos de guerras.

Pensando nisso, nosso ponto de observação e análise se concentra no funcionamento do imaginário de guerra que se dá no mangá *Shingeki no Kyojin*,¹ do ilustrador e escritor Hajime Isayama. A partir disso, pretendemos neste trabalho: a) observar e compreender como a memória discursiva retomada

1 Traduzido para o inglês como *Attack on Titan* e para o português como *Ataque de Titãs*. A obra de Hajime Isayama, lançada em 2009, conta a história de Eren e de seus amigos, habitantes de uma ilha (denominada de *Paradis*), (sobre)vivendo sob o constante ataque de Titãs dos quais não sabem a origem.

nos recortes pode tornar visível uma memória de guerra sofrida pela nossa sociedade; b) analisar as imagens que os próprios personagens antecipam dos outros agentes envolvidos no contexto de guerra, nos possibilitando compreender as posições assumidas por eles e os efeitos de sentido a partir delas; e, c) pensar como as implicações raciais estão tensionadas no mangá.

Para tanto, tomamos como dispositivo teórico-analítico a Análise de Discurso materialista de Michel Pêcheux a fim de analisar os capítulos 87 ao 98 de *Shingeki no Kyojin*. Desse modo, foram selecionados recortes compostos tanto por materialidades linguísticas quanto imagéticas, que nos permitiram compreender o imaginário de guerra no mangá.

Nas linhas seguintes, tecemos, primeiramente, uma discussão a respeito das formações imaginárias pelo viés da Análise do Discurso materialista. Após esse momento, trazemos os gestos de leitura e interpretação e, por fim, as considerações a respeito da análise realizada ao longo do trabalho. Dito isso, passaremos à discussão.

1 As formações imaginárias na análise de discurso

Ao se trabalhar com as formações imaginárias na Análise de Discurso (doravante AD), o que está posto em jogo não é a imagem empírica, mas as projeções sociais formuladas no discurso (ORLANDI, 2006). Isso quer dizer que, ao se tratar de guerras, não é sobre a guerra em si da qual se fala, mas do imaginário (as projeções sociais) que a sociedade faz da guerra. Essa condição languageira, para Orlandi, diz muito sobre “o quanto nossas trocas, nosso discurso, é en-formado pelo imaginário” (ORLANDI, 2006, p. 16). Isso acontece porque o imaginário, na AD, se assenta na linguagem, fazendo parte de seu funcionamento, e na história, na qual as formações sociais estão inscritas. Desse modo, as projeções vão se formando de acordo com a constituição do próprio discurso, atravessadas pelo histórico e pelo ideológico. Souza e Azevedo (2018) entendem que esse atravessamento no discurso é necessário para que ocorra a significação, conforme é demonstrado no trecho seguinte:

165

Numa palavra, o processo de produção de um discurso é atravessado pela ideologia e pela história para que possa significar. O discurso é sempre enunciado a partir de suas condições de produção, situando a posição dos sujeitos no interior das relações de força existentes em uma formação social, remetendo às relações de sentido sob as quais é produzido e articulando-se aos dizeres que o antecedem para que possa fazer sentido (SOUZA; AZEVEDO, 2018, p. 214).

Como as projeções se constituem no discurso, e este, para fazer sentido, se relaciona com as condições de produção, com a posição dos sujeitos de discurso e com as inserções dessas posições na relação de forças, o imaginário, por consequência, também se articulará a eles para que obtenha sentido. Dito isso, o mecanismo do imaginário repousa no funcionamento das condições de produção, pois elas implicam a materialidade da língua (que é histórica e sujeita a falhas), a institucionalidade das formações sociais e o próprio imaginário (ORLANDI, 2020), funcionando na língua e pela história. É por meio desse mecanismo que as projeções, das quais resultam as imagens, asseguram a passagem do lugar empírico do sujeito para a posição de sujeito no discurso, de modo que esta irá significar pela relação mantida tanto com a memória discursiva quanto com o contexto, que é histórico e social. Dito de outro modo, são as projeções (imagens) que dão forma às posições distintas presentes no discurso.

Ainda dentro desse mecanismo, na troca linguageira, a produção de imagens ocorre em um contexto sócio-histórico, em que são produzidas imagens dos sujeitos discursivos envolvidos e do objeto de discussão (do qual se fala), que podem ser chamadas de representações no jogo discursivo. Essas representações são parte do processo de antecipação. Segundo Souza e Azevedo, a antecipação permite “trabalhar com a situação social dos sujeitos e suas representações imaginárias dentro de um processo discursivo a partir do conceito de formações imaginárias” (2018, p. 214). Em outras palavras, permite trabalhar com as posições-sujeito, que coexistem pela contradição na relação de força. Essa configuração discursiva designa, numa formação social, aqueles que possuem e os que não possuem poder de colocar dados dizeres/discursos em prática, em circulação.

Isso não quer dizer, no entanto, que as formações imaginárias têm uma origem no sujeito; ao contrário, é anterior a ele. Elas derivam de outras condições, que foram “esquecidas” e atravessadas pelo ideológico. Nesse contexto, esse esquecimento é produto da ideologia funcionando, de modo que o sujeito não tenha acesso a essas outras condições que constituem as imagens formuladas. Assim, os dizeres dos sujeitos marcados pelo imaginário retornam a outros dizeres já formulados. A respeito disso, Souza e Azevedo nos dizem que essas representações são “o resultado de processos discursivos anteriores e que constituem uma rede de dizeres possíveis de serem enunciados pelos sujeitos” (2018, p. 213). Na AD, esse processo é denominado de interdiscurso, que representa uma rede de memórias de dizeres constituídos, memória esta que diz respeito à memória discursiva.

A rede de dizeres possíveis, conforme Souza e Azevedo (2018), é regulada pelas formações discursivas já que são elas quem determinam o que pode e deve ser dito pelo sujeito. Por isso que as formações imaginárias não devem ser pensadas alheias às formações discursivas, visto que

[...] analisar as formações imaginárias é, nesse sentido, trabalhar com as possibilidades de posição-sujeito no funcionamento de uma ou mais formações discursivas, discutindo as imagens que os sujeitos fazem de si na cena enunciativa e relacionando essas imagens às determinações (o que pode e deve ser dito) dessas formações discursivas e de suas relações de dominância sob determinadas condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção (VOSS, 2011, p. 2).

Pensamos, a partir de Voss (2011), que para que as formações imaginárias façam sentido discursivamente é necessário analisá-las, concomitantemente, com as formações discursivas, atreladas ao contexto sócio-histórico, às relações de força e poder, às posições-sujeito, sem esquecer de observar 1) como os dizeres dos sujeitos estão constituídos no interdiscurso e 2) a rede de filiações (a memória discursiva) desses dizeres.

Orlandi resume o porquê de as formações imaginárias serem eficazes no funcionamento linguístico e discursivo, visto que essas imagens, isto é, o imaginário, “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 2020, p. 40). Assim, as imagens se dão histórica, institucional e politicamente, marcadas pelo simbólico e pela relação interdiscursiva (relação de um dizer com outro dizer).

2 Dos gestos de interpretação

167

No mangá, os eldianos são subjugados por Marley por conta de guerras anteriores ocorridas ainda no período feudal, período no qual o primeiro portador do poder Titã apareceu, Ymir, escrava de Eldia. Com sua transformação, Ymir passou a ser usada como arma de guerra, principalmente contra Marley. A titã originadora passou a ser encarada como demônio e, consequentemente, todos aqueles que um dia passariam a ter seu DNA. Por conta disso, anos depois, já na modernidade, Marley submeteu os eldianos ao apagamento de sua história, resultando em violências, em perseguições e, consequentemente, em preconceitos. Marley, então, viu uma forma de implementar submissões políticas, passando a transformar os eldianos em titãs e fazendo-os servirem de armas de guerra para a conquista de territórios. Movidos por culpa e ressentimentos, os eldianos do continente aceitaram a submissão à Marley.

Tomando os capítulos 87 ao 98 como corpus para nossos gestos analíticos, observamos que o contexto de guerra em *Shingeki no Kyojin* se concentra, nesse recorte, no envolvimento de Marley e seu exército constituído, em sua maioria, por eldianos contra as forças do Oriente Médio.

Apesar de esse ser o foco nos primeiros capítulos, há outros conflitos que estão marcados e presentes tão intensamente quanto o anteriormente citado, como, por exemplo, os conflitos intensos entre Libério e Marley, entre Marley e Ilha Paradis, e entre quase todas as nações contra os eldianos. Importante ressaltar que em todos esses conflitos encontram-se eldianos envolvidos e sendo subjugados.

Essa relação é resultado de uma polarização sempre envolvendo eldianos e marleyanos, apesar de outras nações encontrarem-se envolvidas. Ao analisar a midiatização do conflito entre Iraque e Estados Unidos, Lopes (2013) observou também a existência de polarizações, ocorridas entre o lado do bem versus o lado do mal no contexto de guerra. Encontramos essa polarização funcionando de modo acentuado no mangá em análise, visto que Marley, aos olhares mundiais, são o bem, os mocinhos, os únicos capazes de subjugar qualquer mal advindo dos eldianos, que, por sua vez, são o mal, os vilões da história, e devem ser os subjugados.

Tendo em vista essa polarização, podemos notar que os eldianos foram interpelados socialmente (ALTHUSSER, 1970) a ocupar um lugar de malignos, malfeiteiros, pecadores, detentores de um poder maligno. Por isso, são submetidos ao regime ditatorial de Marley. Em contrapartida, os cidadãos de Marley ocupam um lugar de benfeiteiros. Os lugares de ambos os lados podem ser corroborados através da figura 1.

Figura 1 – Lugares sociais e posições discursivas



Fonte: Hajime, 2018, v. 24.

Nos dizeres proferidos pelos personagens Magath Teo e Tybur Willy, é possível entender os lugares empíricos anteriormente descritos. Os marleyanos são os “heróis” da humanidade, os benfeiteiros, enquanto os eldianos são tratados como “descendentes de demônios”, “domesticados” de Marley e “aqueles banhados por balas”. Nesses enunciados está descrito o lugar submisso e subalterno ocupado pelos eldianos, obrigados a pagar os “pecados” por serem descendentes de “demônios”. Nesse sentido, eldianos

e marleyanos se constituem enquanto lugares empíricos que, além de distintos, são opostos, contrários.

No entanto, apesar de serem arraigados a esse lugar pela prática discursiva presente no mangá, os dois personagens de Marley compartilham de uma mesma posição: a de *subjugador eldiano*. O primeiro personagem, Magath Teo, que fala do lugar de comandante do exército de Marley, ocupa essa posição por formular que os eldianos são “descendentes de demônios”. O segundo, Tybur Willy, falando lugar de descendente da família real, se inscreve nessa posição pelo modo como admira a estátua do soldado marleyano, que se encontrava perfurando a cabeça de um titã descendente de Ymir, portanto, um eldiano. Em razão disso, nos é permitido afirmar que os personagens, enquanto sujeitos ideológicos, ao ocuparem tal posição, compartilham da mesma formação discursiva (FD), que podemos chamar de FD étnico-racista (nomeada desse modo para fins didáticos). A configuração dessa FD se dá por conta de os personagens inscritos nela formularem dizeres que expressam o preconceito de raça – com o qual são coniventes – contra os eldianos por causa de sua descendência, de sua origem e, sobretudo, de sua raça.

A maioria dos marleyanos também se inscrevem nessa FD, ainda que não utilizem exatamente as mesmas palavras. Encontramos um exemplo disso na utilização do termo “descendentes de demônios”, que substitui “eldianos”. Essa “substituição” é a demonstração do funcionamento do processo parafrástico, no qual a paráphrase, na AD, se constitui como dizer o mesmo com outras palavras. Nesse sentido, eldiano passa a não ser mais só a identidade de um povo proveniente de uma terra, mas a identificação/caracterização/objetificação desse povo como algo demoníaco.

Durante os capítulos que compõem o arquivo da nossa análise, é possível observar vários personagens proferindo enunciados que parafraseiam o dizer em questão, direcionado aos eldianos de Libério e da Ilha Paradis. Dito isso, tomamos o enunciado “são os domesticados descendentes de demônios” como a nossa primeira sequência discursiva (SD), ou SD1, que nos levou às seguintes paráfrases, encontradas funcionando dentro do próprio espaço discursivo do mangá:

SD1: “[...] são os domesticados *descendentes de demônios*.”

P1: “Eles são realmente *demônios*” (capítulo 92, p. 23).

P1.1: “Você e sua mãe são *demônios de Eldia*” (capítulo 95, p. 35).

P2: “Vocês se transformam em *monstros gigantes*” (capítulo 87, p. 36).

- P2.1: “Transformada em um *monstro comedor de gente*” (capítulo 88, p. 30).
- P3: “*Súditos de Ymir*” (capítulo 87, p. 36).
- P4: “Vocês são os *assassinos* aqui” (capítulo 87, p. 37).
- P5: “Seus *descendentes imundos de porcos*” (capítulo 94, p. 29).
- P6: “Um *sangue-sujo* está carregando os nossos pratos” (capítulo 98, p. 28).

Entendemos que os termos que se encontram em destaque nessas paráfrases se substituem no movimento parafrástico, pois significam “eldiano” de diversos modos. Apesar dessa equivalência entre os termos, os sentidos deles se diferem discursivamente por causa da relação polissêmica do processo parafrástico, realizando deslizamentos de sentidos.

No primeiro grupo de paráfrases, podemos observar que, apesar da repetição em P1 e P1.1 entre “demônios” e “demônios de Eldia”, os termos passam a significar diferentemente quando há a identificação de nacionalidade, de pertencimento, no segundo termo. Entendemos que esse termo exprime uma ideia de que não são meros demônios dados pelo discurso religioso, visto que eles pertencem a um lugar específico do continente, e, por serem desse lugar, são tidos desse modo.

Em P2 “monstros gigantes” e P2.1 “monstro comedor de gente” ocorre uma desumanização, principalmente no que diz respeito ao segundo termo. Observamos que em P2 o termo se refere a uma caracterização de estatura diferente da dos demais seres humanos. Entretanto, a desumanização em P2.1 ocorre pelo ato antropofágico, que os eldianos tendem a praticar quando transformados em titãs, ocorrendo de forma mais acentuada e brutal do que no primeiro.

No caso de P3, “súditos de Ymir”, há uma caracterização religiosa ao processo genético de descendência do primeiro titã. Ymir passa a ser encarada como uma entidade venerada por parte dos eldianos. Não é mais a questão da descendência que aqui está posta, mas uma questão religiosa, haja vista a sacralização dada pelos eldianos (“deusa Ymir”) e a demonização pelos marleyanos (“o demônio Ymir”) nas práticas discursivas encontradas no mangá.

Na paráfrase P4, a questão já foge da nacionalidade, da desumanização e do religioso, passando a uma situação jurídica, tendo em vista que assassinos cometem homicídios e, por isso, precisam ser julgados, judicialmente e/ou socialmente. Nem demônios, nem monstros, nem súditos, os eldianos passam a ser assassinos, por uma questão racial, tendo em mente que a raça inteira passa a ser julgada assim por causa dos poucos eldianos que podem receber o poder dos titãs, fazendo deles os únicos capazes de matar alguém com certa facilidade, por conta da força

sobre-humana que adquirem ao se transformarem e por se configurarem como antropofágicos enquanto transformados. Trata-se, pois, de um discurso biologizante, que racializa os eldianos como assassinos por um fator biológico, como o sangue, a genética, o corpo.

A questão da descendência vista na SD1 volta em P5, na qual é colocada nos termos “imundos” e “de porcos”. Poderia se dizer que a imundice estaria relacionada a porcos por conta da sujeira, se levarmos em conta apenas o efeito de evidência. Recorrendo, entretanto, ao contexto social do mangá, em que Ymir era uma das escravas que cuidava dos porcos, poderíamos dizer, então, que a imundice e a descendência em P5 se deve a essa ocorrência e ao fato de Ymir conviver com eles, quase se tornando uma “porca”, ou que possuía tanta importância quanto um porco. Daí dizer que são descendentes “de porcos”, já que os eldianos que convivem em Libério e na Ilha Paradis são da linhagem de eldianos descendentes das filhas de Ymir.

Podemos, ainda, fazer outra leitura: Ymir, por ser escrava, tomando as bases de uma formação social, pertence à classe mais baixa, possibilitando até mesmo a negação do status de humana, refletindo em seus descendentes. Retomando o início do século XX na Europa, no contexto sócio-histórico que envolve a pré-Segunda Guerra, os judeus também foram considerados a classe mais baixa da sociedade, conforme Razera: “no Leste europeu, até o início do século XX, [havia] uma espécie de estrutura social dividida em quatro níveis, dos quais o povo judeu ocupava a camada mais baixa” (RAZERA, 2015, p. 73). Isso se deve aos preconceitos sofridos pelos judeus, restando poucos direitos concedidos a eles. De modo semelhante, a mesma situação ocorre com os eldianos do continente. Temos aqui, então, a relação de classe (de poder, de força) funcionando.

Nos atendo, porém, a imundo como “impuro”, voltamos para a questão religiosa, pois a descendência imunda/impura dos eldianos é dada desse modo por descenderem de Ymir, adjetivada enquanto demônio. Poderia, inclusive, entrar a questão do gênero, já que Ymir era mulher, o que nos remete a uma memória discursiva do cristianismo sobre Eva e a maçã (ou seja, “a impureza da mulher”, “o pecado da mulher”, “a que aceitou o presente do diabo”, “a maculada”, entre outros dizeres) e, ainda, sobre Lilith (“a mulher demoníaca”). Encontramos, nessas duas últimas leituras, o interdiscurso funcionando, visto que os dizeres de P5 retornam a outros dizeres já formulados, alhures.

A linhagem e a impureza voltam novamente à discussão quando analisamos a P6, “sangue-sujo”. O sangue dos eldianos é o mesmo que corria nas veias de Ymir, o sangue titã da mulher titã, do demônio, da mulher monstro, da escrava que cuidava dos porcos, da assassina, dentre outras adjetivações que se poderia dar a Ymir, sendo, portanto, um sangue impuro. Encontramos novamente, nessa paráfrase, o discurso biologizante funcionando.

Recorrendo ao efeito metafórico, em que dizer x é silenciar y, esse dizer um e silenciar outro é um impedimento de que outros sentidos se constituam, que se façam circular. Esse silenciar de dizeres é permitido pela polarização anteriormente citada, pois é assegurado pela memória discursiva de outros contextos de guerra. De acordo com Lopes (2013), essa polarização está em conformidade com o silenciar de dizeres ao se encontrar formulações do tipo: país A é X, país B é Y, dirigente de A é X, dirigente de B é Y, também é dizer, silenciar e significar que país A não é Y, país B não é X, dirigente de A não é Y, dirigente de B não é X.

Na nossa investigação, esse silenciar funcionando pela polarização significa nos dizeres que se referem a eldianos como demônios, porque silencia qualquer envolvimento abençoados, bondoso, benéfico, entendendo demônio como algo demoníaco/diabólico, amaldiçoado, maléfico. Dizer que é monstro é silenciar que é humano. Dizer que é assassino é silenciar humano comum, benfeitor. Se é sangue-sujo, então não é o sangue imaculado, íntegro, decente, prestigiado, respeitável. Se o eldiano é mal, então ele não é bom. Essas outras significações lhe são censuradas (ORLANDI, 2018).

Há, dessa forma, um constante atravessamento dos discursos religioso e político, quando raça, nacionalidade, crença e descendência estão colocadas em funcionamento no contexto de guerra do mangá. Atravessando ambos os discursos, há o componente ideológico funcionando, já que todo discurso, enquanto materialidade específica da ideologia (PÊCHEUX, 2014), é atravessado por ele.

Esse discurso político crivado pelo discurso religioso recai em uma estratégia discursiva de partidos políticos, em especial os extremistas, que recorrem a motivações religiosas para rebaixar/desumanizar/demonizar um grupo. Nas condições sócio-históricas de produção da Alemanha nazista, ocorreu o mesmo com os judeus, pois, de acordo com Razera (2015), “Hitler argumentava que o povo alemão era ameaçado por dois *males*: o marxismo e o judaísmo. [...] Além do mais, *atribuía ao povo judeu uma habilidade satânica*” (RAZERA, 2015, p. 74; grifo nosso). A religião dos judeus, o judaísmo, era encarada como um mal a ser combatido, era uma perfídia, algo a ser demonizado pelos alemães de boa fé.

Ainda de acordo com a autora, a dicotomia entre “céu-inferno de que algumas religiões fazem uso para manobrar seus fiéis se aplicava na Alemanha, tendo o povo alemão como o representante do bem e a comunidade judaica a representar o mal” (RAZERA, 2015, p. 86). Em *Shingeki no Kyojin*, pensado aqui enquanto espaço em que há discursos em jogo e pensando no seu modo de representação imaginária de relações sociais históricas regidas por relações de poder, observamos que os eldianos, enquanto sujeitos, padeciam de condição discursiva semelhante à vivida pelo povo judeu: ao passo que Marley representa, no jogo discursivo, o bem, eldianos representam o mal.

Se formos em busca do termo “domesticados”, ainda na SD1, pode-se ter como possibilidade de leitura a submissão e a subserviência dos eldianos do continente aos marleyanos. Dado pelo movimento interdiscursivo, esse determinado dizer remonta em nós uma memória discursiva do contexto sócio-histórico da Segunda Guerra Mundial, que retorna sobre o modo como os judeus foram “domesticados”, “submissos”, “subservientes” forçadamente aos nazistas, por sua crença, raça e origem.

Desse modo, o que está em causa, a origem dos eldianos, sua raça, sua crença e sua descendência em Ymir, nos remete à memória discursiva dos eventos ocorridos com a raça dos judeus e a crença em Jeová, sob um contexto de guerra e sob um governo ditatorial. Por isso, a “domesticação”, em ambos os casos, se configura como muito mais do que apenas um aspecto religioso, ela é política, ideológica e racista – política e racista porque se exerce por meio das relações de poder, que funcionam na e pela ideologia.

Essa relação de poder que se encontra funcionando no mangá é algo próprio das formações imaginárias, pois se assentam nas relações sociais imaginadas do mundo real, significando, como vimos, fortemente entre eldianos e marleyanos, que são, respectivamente, dominados e dominadores. O estado dominador, nesse caso, corresponderia a Marley, assim como, consequentemente, os aparelhos ideológicos de Estado também.

O racismo que é possível ler na obra não se trata de um fator de cor de pele; ocorre, todavia, por meio da negação/discriminação da origem e descendência de um povo, ou seja, é um racismo étnico. Dito isso, podemos parafrasear Fanon (2020) quando este, ao observar que o negro fica arraigado ao lugar de mal nas relações sociais pelo branco, entende que os judeus também ficaram enraizados a essa imagem. Isso quer dizer que, mesmo se adequando às exigências que eram impostas, principalmente em relação à religião, a comunidade judaica europeia chegou à conclusão de que não se tratava somente de uma questão religiosa, mas de uma questão de raça, conforme Razera (2015): “*com forte influência de tendências racistas*, ‘o antisemitismo moderno chegou à conclusão de que *não* existe solução para o problema judaico, pois se o problema é fundamentalmente racial, como mudará o judeu individual, ou o grupo judaico, a sua raça?’ (FRISEL, 1975, p. 502)” (RAZERA, 2015, p. 78; grifos nossos).

A questão racial, assim, se tornou o ponto nodal principal para impulsionar as motivações e interesses político-econômicos que ensejaram a Segunda Guerra. Observando, assim, essas práticas discursivas em torno do negro e do judeu, nos é permitido fazer uma leitura semelhante com os eldianos, enquanto sujeitos racializados, visto que ficam enraizados ao lugar, à imagem, de mal pelos marleyanos na formação social encontrada na obra, o que resulta em projeções imaginárias dentro da própria história.

Ao observarmos a Figura 2, a seguir, nos é permitido entender como essa relação de poder está em funcionamento nos próprios eldianos do

continente, visto que os personagens se inscrevem na FD do dominador, ressignificando a própria história em detrimento do que os dominadores pregam e ditam àqueles dos quais são seus dominados. Essa adequação, essa inscrição na FD do dominador, foi comum para a aceitação do povo judeu em países da Europa, no período entre Primeira e Segunda Guerra. Razera (2015) afirma que

[...] o povo judeu passou a enfrentar várias dificuldades, pois, se a base essencial para o entrosamento do indivíduo a uma nação dependia de um vínculo orgânico, histórico, esse povo jamais se enquadraria nas exigências da organização política dos países que o acolhiam. No seio da comunidade judaica, iniciou-se um processo de adaptação, que contava com a assimilação de diferentes idiomas, hábitos e costumes (RAZERA, 2015, p. 77).

Essa mudança era necessária para a aceitação/integração dos judeus na sociedade. Observamos situação semelhante na Figura 2, quando a personagem Braun Karina, inscrita na FD do dominador, se ancora ao discurso do estado dominante.

Figura 2 – As relações de poder e a polissemia do termo “demônio”



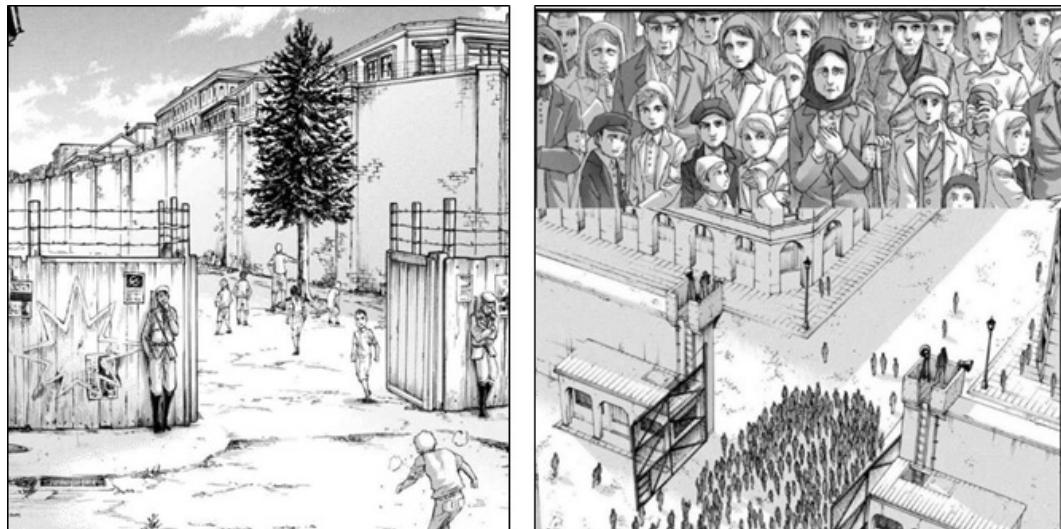
175

Fonte: Hajime, 2018, v. 23.

Nesse recorte, a personagem adulta reafirma um discurso anterior da personagem mais jovem ao formular os seguintes dizeres: “Isso mesmo,

Gabi. Só *demônios* vivem naquela ilha". Encontramos funcionando aqui, ao mesmo tempo, uma ruptura (que abre para a polissemia) e o equívoco: a) o rompimento se dá quando "demônio" passa a significar diferentemente do que é reproduzido pelos marleyanos, marcado na especificidade dada pela personagem eldiana ao afirmar que os demônios são aqueles eldianos da ilha. Esse gesto pode ser lido como um gesto de recusa do status demoníaco que lhe é dado. Verificamos, assim, que há dois sentidos possíveis do termo que coexistem no mangá; b) o equívoco está posto quando a personagem, ocupando a posição de eldiana do continente, condena (em outros termos, objetifica), em seu dizer, outros eldianos, que se tratam de pessoas de sua mesma raça. A submissão forçada dos eldianos pode ser lida também na Figura 3:

Figura 3 – Distrito de Libério antes e atualmente



176

Fonte: Hajime, 2018, v. 23.

Entendemos que esse recorte se trata de uma materialidade distinta dos anteriores, pois é desprovido de texto escrito. A materialidade da imagem, conforme compreendida por Souza (1997), é uma materialidade não verbal, mas passível de produção de sentidos sem, necessariamente, estar atrelada a uma materialidade verbal. Amaral *et. al.* informam que, pela perspectiva discursiva, poderia se pensar na imagem como "sequência comunicativa, que amplia a compreensão dos processos de simbolização e produção de sentidos nos universos culturais. Dessa forma, a imagem ultrapassa a função de apêndice do texto escrito" (AMARAL *et. al.*, 2019, p. 175). Pensada, desse modo, fora dos termos que a reduzem como adorno e/ou complementação, encaramos a Figura 3 enquanto forma material significante, que nos autoriza e permite observar outros elementos em funcionamento, como símbolos, desenhos, expressões faciais, linhas, contrastes, cores etc.

Dito isso, na Figura 3, distinguimos uma zona militarizada (o distrito de Libério, onde residem os eldianos do continente) separada da cidade de Marley (onde vivem os marleyanos). Notamos que há um contraste significativo entre a cidade e a zona militarizada: a riqueza e a pobreza, o desenvolvimento e o atraso, a liberdade e a prisão, o controle e o medo.

Nas paredes da zona militarizada, é possível encontrar o desenho do que parece ser uma estrela de várias pontas, a mesma das braçadeiras da população eldiana. Esses elementos, a estrela e a zona, remontam, novamente, a uma memória discursiva das condições sócio-históricas da Segunda Guerra Mundial, na qual os judeus, enquanto sujeitos racializados a) eram identificados pelo uso obrigatório da estrela de Davi, como forma de segregação dos demais da sociedade europeia; além de b) terem sido alocados em zonas (guetos/campos de concentração) supervisionadas militarmente pelos nazistas.

3 Algumas considerações

A partir das análises que empreendemos, verificamos que o imaginário de guerra observado em *Shingeki no Kyojin* nos permite, pelo funcionamento do interdiscurso, compreender o atravessamento de dizeres que dizem antes e em outro lugar, de modo independente, significados na e pela história. Desse modo, há uma submissão política em funcionamento no mangá de modo substancial, que retorna na rede de filiações da memória discursiva a outras representações, a outras imagens, a outros discursos que se fizeram presentes nas condições de produção sócio-históricas da Segunda Guerra em relação ao povo judeu. Em vista disso, consideramos que os elementos apresentados significam fortemente para a construção de um imaginário de guerra no mangá (ainda que existam outros elementos que possam contribuir e sejam passíveis de análise).

A construção desse imaginário denuncia que tensões raciais servem de motivação para que se deflagre uma guerra, sob implicações religiosas, políticas e econômicas, em que há questões de racialidade funcionando. Portanto, mostramos como as implicações raciais estão bem delimitadas na obra, visto que é um fator ressaltado com frequência nas relações de classe e poder entre marleyanos e eldianos, nas polarizações e nas imagens antecipadas entre um sujeito e outro, uma nação e outra, um povo e outro.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

AMARAL, Abraão Janderson dos Santos; LOPES, Maraísa; CAMPOS, Dastur Costa; OLIVEIRA, Kerleiane de Sousa. Os sentidos da guerra na Síria e as condições de produção de uma imagem. *Policromias, Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 170-188, 2019.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.

HAJIME, Isayama. *Shingeki no Kyojin*. São Paulo: Panini Comics, v. 22, out. 2017.

HAJIME, Isayama. *Shingeki no Kyojin*. São Paulo: Panini Comics, v. 23, fev. 2018.

HAJIME, Isayama. *Shingeki no Kyojin*. São Paulo: Panini Comics, v. 24, set. 2018.

LOPES, Maraisa. Nomes de uma guerra e de seus protagonistas: uma análise semântico-discursiva. *Entremeios, Revista de estudos do discurso*, Pouso Alegre v. 7, p. 1-10, jul. 2013.

178

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RAZERA, Gisélle. Pantera no Porão: totalitarismo, perseguição, mal-estar e experiência. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 71-86, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni Puccinelli. (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: movimento dos sentidos*. Campinas: Editora Campinas, 2018.

SOUZA, Mailson Fernandes Cabral de; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. Guerras culturais e formações imaginárias da polarização

SANTOS, F. M.
*Funcionamento
do imaginário
de guerra em
Shingeki no
kyojin: implicações
étnico-raciais*

política brasileira: um estudo discursivo. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 5, n. 4, p. 209-226, 2018.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. Discurso e imagem: perspectivas de análise não-verbal. In: COLÓQUIO LATINOAMERICANO DE ANALISTAS DEL DISCURSO, 2., 1997, La Plata, Buenos Aires. *Anais* [...]. La Plata: [s. l.], 1997.

VOSS, Jefferson. Formações imaginárias em comentários sobre a aprovação da união civil homossexual. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1., 2011, Vitória. *Anais* [...]. Vitória UFES – PPGEL, 2011.